

Avaliação Permanente

Normalmente, define-se o fracasso escolar como a simples consequência de dificuldades de aprendizagem e como a expressão de uma falta "objetiva" de conhecimentos e de competência. Essa visão, que "naturaliza" o fracasso, impede a compreensão do que ele resulta de formas e de normas de excelência instituídas pela escola, cuja execução local revela algumas arbitrariedades, entre as quais a definição do nível de exigência, do qual depende o limiar que separa aqueles que têm êxito daqueles que não os têm.

(Phillipe PERRENOUD)

Conceito de avaliação

A avaliação é um dos pontos mais importantes do trabalho docente.

Por este motivo, ela deve ser:

OBJETIVA — baseada, tanto quanto possível, em parâmetros quantizáveis.

CONTEXTUAL — flexível e adaptada à série e ao grupo de alunos à qual se dirige.

PERMANENTE — longitudinal e observando diversos instrumentos e objetos.

Protagonismo na avaliação

- Avaliação docente: considerada, de forma estrita, quando o professor é quem detém o protagonismo total da análise e valoração dos trabalhos.
- Avaliação externa: quando a avaliação dos trabalhos (mas não necessariamente a atribuição de notas) fica a cargo de convidados externos, na forma de bancas ou comitês de avaliação.
- Avaliação cruzada, ou “pelos pares”: quando os trabalhos em grupo são apresentados e comentados pelo conjunto da sala.
- Autoavaliação, quando o aluno analisa, valoriza e justifica seu próprio conceito.

Somativa ou Formativa?

SOMATIVA	FORMATIVA
Predominantemente Quantitativa.	Predominantemente Qualitativa.
Pontual, quase sempre.	Permanente, por princípio.
Objetiva um contexto restrito (a classe, a série, o curso).	Objetiva um contexto amplo (a trajetória do aluno, o conjunto de cursos, o sistema escolar, a sociedade)
Centrada na execução de um plano pré-definido.	Centrada na gestão de aprendizagens.
Hierárquica, centrada no binômio instituição/docente.	Dialógica e negociável entre as partes.

Sete mecanismos (que impedem a inovação pedagógica)

1. A avaliação frequentemente absorve a melhor parte da energia dos alunos e dos professores e não sobra muito para *innovar*.
2. O sistema clássico de avaliação favorece uma *relação utilitarista com o saber*. Os alunos trabalham “pela nota”: todas as tentativas de implantação de novas pedagogias se chocam com esse minimalismo.
3. O sistema tradicional de avaliação participa de uma espécie de *chantagem*, de uma relação de força mais ou menos explícita, que coloca professores e alunos e, mais geralmente, jovens e adultos, em campos opostos, impedindo sua *cooperação*.

Sete mecanismos (que impedem a inovação pedagógica)

4. A necessidade de regularmente dar notas ou fazer apreciações qualitativas baseadas em uma avaliação padronizada favorece uma *transposição didática conservadora*.
5. O trabalho escolar tende a *privilegiar atividades fechadas, estruturadas, desgastadas*, que podem ser retomadas no quadro de uma avaliação clássica.
6. O sistema clássico de avaliação força os professores a *preferir os conhecimentos isoláveis e cifráveis às competências de alto nível* (raciocínio, comunicação), difíceis de delimitar em uma prova escrita ou em tarefas individuais.
7. Sob a aparência de exatidão, a avaliação tradicional esconde uma *grande arbitrariedade, difícil de alcançar unanimidade em uma equipe pedagógica*: como se entender quando não se sabe nem explicitar, nem justificar o que realmente se avalia? (PERRENOUD, 1998)

Referência

PERRENOUD, Phillipe. **Avaliação:** da excelência à regularização das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre, Artmed, 1998.